

Fernando Molica

Mudança no imposto de renda aponta para o óbvio

A aprovação pela Câmara do projeto que elimina ou alivia o imposto de renda dos que recebem até R\$ 7.350 e aumenta a taxa dos mais ricos surpreende pela ousadia de fazer algo na direção do óbvio: em qualquer lugar minimamente civilizado, quem ganha mais paga percentualmente mais impostos.

Isso vale para todos os países que tanto admiramos, que sonhamos conhecer. Locais onde geralmente há mais segurança, educação, transporte público e saúde (neste quesito, os Estados Unidos ficam para trás, vale ressaltar).

A lógica do imposto mais justo é chamada de progressiva, morde mais os privilegiados que, assim, contribuem de maneira mais efetiva para a melhoria das condições da sociedade onde vivem e trabalham.

Algo que, no limite, é bom para o próprio pagador, que passa a desfrutar de um lugar melhor (é só imaginar o gasto extra que temos com serviços privados de saúde, segurança, educação e transporte).

A nossa sociedade foi criada com base na exploração feita por outro país e asentado no trabalho escravo — ao longo do tempo, a legislação procurou garantir que nada fosse mudado. Daí que chegamos ao ponto de quem ganha hoje acima de R\$ 4.664,68 seja punido com um des-

conto de 27,5% em seu salário.

Já empresários — ou contratados como pessoas jurídicas — têm isenção de retiradas feitas sob a forma de dividendos. Suas empresas pagam impostos, mas a mordida é bem menor em relação aos assalariados.

O peso dos impostos sobre consumo torna ainda mais evidente a injustiça tributária brasileira. Por aqui, historicamente, mais de 40% da arrecadação vêm do que é cobrado do consumidor, o percentual é cerca do triplo do verificado em países desenvolvidos.

Jogar peso na tributação do consumo perpetua a desigualdade, ricos e pobres pagam o mesmo imposto na hora em que compram um refrigerante no ou um computador. Isso leva a impasses: a diminuição ou aumento da tarifa sobre combustíveis iguala o motorista de aplicativos ao milionário colecionador de carros importados.

A situação é tão estapafúrdia, que a reforma tributária recém-aprovada teve que incluir um sofisticado mecanismo de cashback para devolver os impostos que os muito pobres gastarão ao comprar alimentos. Um mecanismo importante, mas complexo, que poderia ser evitado caso o país optasse pelo mais simples — cobrar mais de quem ganha mais.

A injustiça da estrutura tributária bra-

sileira é tão grande que gera uma série de outros puxadinhos para aliviar, principalmente, a classe média, caso da possibilidade de abatimento de despesas com saúde, inclusive com planos hospitalares privados. Isso, no país que tem o SUS.

Isso faz com que o faxineiro do hospital particular ajude, com seus impostos, a subsidiar o atendimento médico dos mais ricos, que podem ser atendidos por lá. Os mais pobres não têm como pagar consultas e, depois, esperar um ano para abater esse gasto no imposto de renda; muitas vezes, nem tiveram recolhimento de imposto na fonte, o que inviabiliza uma restituição.

As isenções e carinhos tributários são também marcantes na área empresarial, e tome de vantagens para profissionais cadastrados no Simples, Zona Franca de Manaus, agronegócio, hospitais e instituições de ensino privadas cadastradas como beneficentes. E, com imposto, não tem jeito: alguém paga o que o outro deixa de recolher.

O projeto do governo aprovado pela Câmara gera benefícios imediatos e, principalmente, coloca todo um sistema injusto em discussão. Possibilitou também verificar o desespero dos que, até o último momento, tentaram livrar a cara e o bolso dos mais ricos. A política, quando olhada com um mínimo de atenção, é bem didática.

Vinicius Lummertz*

O peso dos salvadores feridos

Não compreenderemos o mundo apenas com lentes políticas, econômicas ou jurídicas. Não é mais suficientemente, como nunca foi. É preciso somar a psicanálise para decifrar o que se esconde atrás das máscaras de líderes e pensadores que marcaram a história e ainda nos afetam. Muitos dos que se apresentaram como “salvadores da pátria” carregavam feridas íntimas, ressentimentos e traços obsessivos que moldaram suas ideias e estilos de liderança. Inteligentes e carismáticos, projetaram traumas pessoais em doutrinas coletivas, misturando sentimentos justos como a indignação diante da desigualdade ou a promessa de ordem, com rigidez autoritária que mascarava seus fantasmas.

Jean-Jacques Rousseau, órfão de mãe que morreu no seu parto foi marcado pela rejeição; idealizaria o homem natural, e terminaria isolado, odiando a sociedade concreta dizem relatos históricos. Foi o maior influenciador da Revolução Francesa e do Reino do Terror que a seguiu. Escreveu sobre o “bom selvagem” inspirado em indígenas brasileiros que nunca conheceu, ignorando inclusive a antropofagia que devorou o bispo Sardinha. Karl Marx, em permanente conflito com o meio acadêmico e familiar, dependia da esposa e do amigo Engels para sobreviver, enquanto denunciava as injustiças da Revolução Industrial. Criou um proletariado redentor contra um burguês degenerado, transformando análise em ceticismo. Robespierre, Lenin, Stálin, Hitler e vários orientais levaram esse padrão às últimas consequências: dividiram o mundo em puros e impuros, autorizando pedagogias de ferro, tribunais morais e até genocídios.

Mussolini, por sua vez, é exemplo clássico do narcisismo político. Frustrado em sua juventude como escritor e jornalista socialista, buscou na política o palco que lhe faltava. Cultivava uma estética da virilidade, uniformes, gestos teatrais, coreografias públicas para mascarar complexos de inferioridade e fracassos pessoais, na leitura de muitos psicanalistas. Seu fascismo nasceu menos de uma doutrina

consistente do que da necessidade de projetar grandeza própria sobre a massa.

Não é coincidência: traumas íntimos costumam se converter em narrativas de redenção coletiva. Muitos líderes marcados por infâncias e juventudes problemáticas, órfãos, humilhados, excluídos, encontraram na política ou na religião a promessa de superação pessoal, mas às custas da liberdade alheia. A psicanálise explica: a projeção lança sobre os outros o que não se suporta em si; a clivagem divide o mundo em bons e maus e o narcisismo coloca o líder como intérprete exclusivo da verdade. Assim, falhas de caráter e ressentimentos privados se disfarçam de virtudes públicas.

Esse padrão atravessa séculos. Regimes marxistas criaram seus “redentores do homem novo”, disfarçados de pedagogos do proletariado. Do outro lado, fundamentalistas islâmicos falam em nome de Deus para justificar violência contra “ímpios” e impor sociedades submetidas a códigos medievais. O objetivo não é apenas religioso: é político e de poder, tentativas de controlar territórios, recursos e consciências em nome de uma pureza absoluta. O mesmo ocorreu na Inquisição espanhola, quando a defesa da fé virou tribunal de tortura. Em todos os casos, a bondade proclamada, salvar o homem, salvar a alma, escondia a sombra dos complexos pessoais, como retratam livros e filmes.

Hitler talvez seja o caso mais emblemático: um líder que se vendia como asceta e higiênico, defensor de uma vida “pura”, mas que usava essa máscara para legitimar perseguições raciais e genocídio. Do outro lado do front, Churchill, fumante de charutos, e amante de bebidas, representava a humanidade falha, mas capaz de enfrentar o totalitarismo com realismo. Entre o higienismo hipócrita e a imperfeição assumida, foi Churchill, ao lado de Roosevelt em sua cadeira de rodas, que salvaram a democracia.

O contraste ecoa no presente. Muitos líderes ainda dividem sociedades. Uns se apresentam como incorruptíveis, outros como patriarcas austeros, sempre como únicos capazes de salvar. As redes sociais amplificam esse nar-

cisismo: quanto mais simples o inimigo, mais engajamento; quanto mais moralista o discurso, mais viral. Nunca os complexos individuais tiveram uma lente de aumento tão poderosa, capaz de incendiar o planeta.

Há, porém, tradições mais realistas. Marco Aurélio, com o estoicismo, ensinava a suportar contradições sem buscar purezas impossíveis. Hobbes, no Leviatã, foi mais lúcido que Rousseau: não acreditava em bondades originais perdidas, mas reconhecia a ambivalência humana, biológica e espiritual, movida por paixões, medo e agressividade. Seu contrato social não nasceu de um mito, mas da necessidade prática de conter a violência.

Democracia não é paraíso; é tecnologia de contenção. Existe para limitar salvadores de ocasião, proteger causas justas de seus falsos paladinos e obrigar-nos a conviver com o imperfeito. O dilema entre pureza e realismo, entre o mito da redenção e a aceitação do humano contraditório, atravessa nosso tempo. O futuro dependerá de recusar os grilhões psicológicos dos “salvadores feridos” e escolher a política adulta: aquela que não promete paraísos, mas garante convivência.

Hoje, a dimensão dos complexos individuais encontra eco nas redes sociais e em suas conexões neurais. Esse êxtase supera a racionalidade e cria novos riscos globais. Falta-nos um novo Hobbes para explicar. O mais próximo, apenas para mim, é Jordan Peterson, psicólogo clínico, professor da Universidade de Toronto, censurado, cancelado e combatido pela cultura woke. Se não trouxermos psicanálise e história para dentro da política, no entanto, ficaremos cegos diante de como traumas, complexos e ressentimentos moldam o destino coletivo. A análise econômica, política e jurídica é necessária, mas não suficiente. Só entendendo os “salvadores feridos” em sua dimensão psíquica poderemos impedir que se repita, em nome da pureza ou da fé, os mesmos ciclos de destruição.

*Cientista Político. Foi Ministro do Turismo e Presidente da Embratur.

EDITORIAL

Substância deixa o país em alerta

A possível morte do advogado Luiz Fernando Pacheco e a internação do cantor Hungria praticamente ligaram o sinal de alerta vermelho no país sobre a contaminação de metanol em bebidas. Segundo dados do Ministério da Justiça há 59 casos de suspeitas de internações pela ingestão da substância, com a maioria sendo em São Paulo. Os demais estados da Federação já estão fiscalizando bares e restaurantes e até mesmo municípios fazendo leis para endurecer as regras em estabelecimentos. E o que mais intriga a todos é como uma substância utilizada em combustíveis vem a aparecer em destilados.

A toxicidade do metanol ocorre principalmente após sua ingestão, mas também pode acontecer por inalação ou absorção pela pele em altas concentrações. Nas primeiras 24 horas, os sintomas de quem ingere a bebida são: Náuseas, vômitos, dor de cabeça, tontura, fraqueza, sonolência, dor abdominal e sabor adocicado na boca. Por serem sintomas muito parecidos com os da intoxicação por álcool comum, ele pode dificultar o diagnóstico nas primeiras horas após a

ingestão. Contudo, passadas as 24 horas, é quando a substância começa a irradiar mais no corpo humano, fazendo com que tenha: queda rigorosa no PH do sangue, convulsões, parada respiratória e o fator que mais o qualifica, a cegueira.

Mais do que a população tomar o devido cuidado de onde ingere destilados, os bares e restaurantes devem verificar a procedência dos produtos aos quais estão comprando e levando para o consumo das pessoas. Neste momento em que o país está em alerta por um surto de intoxicação por um álcool usado em combustíveis e produtos químicos, todo o cuidado deve ser dobrado na hora de curtir a noite ou mesmo as festas em fim de semana.

A saúde é um elemento importante e não deve ser levada em segundo plano na hora do momento de lazer. Seja apenas numa “saidinha” ou numa “baladinha”, o cuidado deve ser fundamental, para não sofrer contaminação e parar no hospital, pois os efeitos do metanol no corpo são nefastos e podem levar à morte, em questão de dias e até de horas, se o diagnóstico não for preciso.

Boa noite, Cinderela

Quando somos crianças, uma das principais orientações de nossos pais é não aceitar doces, saídas ou qualquer coisa de estranhos. Quando se cresce um pouco mais e atinge-se a maioridade, a recomendação muda o foco: nunca aceite bebidas de estranhos e fique sempre de olho no seu copo de bebida alcoólica. Podem estar adulteradas e você sofrer o golpe “Boa noite, Cinderela”. E se você estiver sozinho, é receita para o desastre: você fica completamente vulnerável, sem controle do próprio corpo e das próprias ações – suscetível a qualquer tipo de violência física, sexual, patrimonial – e “acorda” após o efeito do entorpecente passar sem se recordar de nada do que aconteceu na noite anterior.

O que antes era uma recomendação de andar acompanhado, optar por consumir bebidas alcoólicas de garrafas e latas lacradas e sempre olhar a validade do que está consumindo ficou agora muito mais grave. O risco e o alerta nacional de casos de contaminação por metanol acendem um alerta e um novo pânico para os consumidores de bebidas alcoólicas do país.

Antes, o medo – especialmente de mulheres – era ter a bebida adulterada por terceiros e ser vítima de estupro ou outra violência. Agora, não se trata mais de não aceitar bebidas de estranhos, mas verificar a veracidade e confiabilidade de

um estabelecimento que vende os produtos a fim de ter certeza que este adquire as bebidas com empresas regularizadas. As vítimas, até o momento, são pessoas que estavam acompanhadas de amigos e pediram bebidas em bares, ou compraram em distribuidoras e adegas – como o caso do cantor Hungria, que foi internado por infecção de metanol.

Segundo o Ministério da Saúde, foram confirmados 59 casos de intoxicação por metanol, uma morte causada por intoxicação e outras sete mortes sob investigação das circunstâncias. Atualmente, há duas linhas das possíveis contaminações: no envase de algumas garrafas ou a adulteração deliberada de bebidas, como forma de baratear seus custos.

O álcool não é algo necessário para viver. Pelo contrário, é recomendado por nutricionistas e demais profissionais de saúde que seja evitado. Mas é inegável que ele faz parte da cultura do brasileiro. Seja a cervejinha em um bar com amigos em uma sexta à noite após o expediente, uma caipirinha acompanhando uma feijoada ou um vinho com o cônjuge em uma ocasião especial. Não se trata de aplicar um falso moralismo de reforçar o quanto bebidas alcoólicas fazem mal à saúde, mas conscientizar a população a buscar com critérios rígidos de onde sua bebida foi comprada para se protegerem.

Dora Kramer*

Desembarque de araque

O senador Ciro Nogueira (PP-PI) anda falando em público o que seus companheiros de campo político dizem aos sussurros pelos cantos: a direita está abusando do direito de errar.

A oposição trouxe de lugar com o governo, que até pouco tempo atrás era campeão nos tropeços. Parecia não haver remédio para a turma de Lula (PT), tanto que os adversários deram o toque da debandada. O fim de setembro foi estipulado como prazo para o desembarque do PP e da União Brasil, unidos numa federação de 109 deputados federais e 15 senadores.

Pois a data fatal chegou e o que se tem em cena são duas possíveis vagas nos ministérios do Turismo e dos Esportes para o presidente preencher conforme suas conve-

niências, dois ministros relutantes na saída e que nos ensaios de despedida ainda dão apoio à reeleição do petista.

Em termos de afirmação oposicionista, Celso Sabino (União-PA, ministro do Turismo) e André Fufuca (PP-MA, dos Esportes) são troféus que não valem a miséria prometida. Lula não perde nada e ainda ganha cargos na administração federal para distribuir, caso os filiados à federação deem mesmo adeus aos empregos país afora.

O desembarque, por ora, é de araque. O gesto das cúpulas dos dois partidos acabou por cair no vazio dos erros aos quais se refere Ciro Nogueira, um político experiente que conhece o lado adversário por dentro. Já foi entusiasta e aliado de governos do PT.

As demais legendas do centrão, integrantes da aliança desde sempre bamba, preferiram não se precipitar, deixando as coisas como estão para ver como ficarão adiante. Nem por isso escaparam de sofrer os efeitos da afoiteza dos parceiros de planos para a próxima eleição.

Agora falta um ano, com Lula em campanha aberta, e os adversários reféns das esperanças vãs de um condenado.

As marés viram, é verdade, mas vai dar trabalho se livrar da armadilha dos extremistas que pregaram sua marca na direita, ora identificada com manobras antirregimentais, motins, tentativa de anistia disfarçada e toda sorte de agressões ao bom senso.

*Jornalista e comentarista de política

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolf Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.